



O ÚLTIMO AMANTE

Teresa Veiga  
o último  
amante



LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
MMXVII

# índice

A minha vida com Bela	9
O último amante	75
Antes da revolução	111
Canção do lagarto negro	147

NOTA BIOGRÁFICA	213
-----------------	-----

© 2017, Teresa Veiga  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6-A,  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9  
info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

«A minha vida com Bela» e «O último amante»  
foram originalmente publicados  
em 1990 pela Cotovia.

Título: *O Último Amante*  
Autora: Teresa Veiga  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Fevereiro de 2017

ISBN 978-989-671-351-5  
Depósito Legal n.º 419944/17

# A minha vida com Bela

Em Outubro de 1927 tomei a decisão capital da minha vida. Ia escrever a Florbela, não apenas para lhe dizer da minha incondicional admiração pelos seus versos (cartas desse género, pensava eu ingenuamente, já devia ter recebido muitas), mas para lhe pedir um encontro em termos tão ansiosos que ela não pudesse escusar-se sem remorsos. Como não sabia a morada lá dos subúrbios do Porto onde ela vivia com o marido escrevi no endereço: Florbela Espanca, Vila Viçosa, e fiquei à espera da resposta, sem duvidar nem por um instante que uma cadeia de mãos solícitas se encarregaria de suprir a minha falta de informação.

Não foi, como poderia ter sido, um impulso súbito, sob o efeito do choque provocado pela descoberta da sua obra. A bem dizer eu andava a tomar balanço para isso desde que cinco anos antes o meu pai morrera deixando-me tão livre de acções como de espírito, mas só em Outubro de 1927 é que atingi o grau suficiente de ousadia para pôr em prática o plano a que me fora afeiçoando lentamente.

Até à morte do meu pai eu limitara-me a ser a filha e a governanta exemplares de um juiz conselheiro, com algumas regalias mas sem direito a salário, pelo que não

desdenhava dar umas lições de Francês e Inglês no colégio que pertencia ao meu irmão, em regime de simples substituição porque não possuía nenhum diploma legal.

Morávamos na Rua da Junqueira, defronte do palácio do marquês de Angeja, num prédio de dois andares com quatro varandas de sacada no primeiro e que ainda hoje conserva um belo aspecto apesar de precisar de algumas obras de limpeza na fachada. Entra-se nele através de um portal por onde teria passado uma carruagem e envolve-nos a frescura de subterrâneo de um átrio com dimensões de pátio de escola. Uma única janelita à direita, cavada em funil, tão funda que mais parece a mesa de trabalho de um monge escriba, ilumina o caminho até à embocadura das escadas e permite ainda distinguir uma massa confusa de degraus rodando em espiral como se tivessem pressa de se enroscar na sombra dos muros. A partir daqui o uso de uma pilha eléctrica é aconselhável, mesmo em pleno dia, se não queremos sentir o chão faltar de repente, enganados pelos desníveis e assimetrias das velhíssimas lajes. Ao fim de três voltas em círculo a luz nasce de súbito sobre as nossas cabeças, como se alguém levantasse a tampa de um poço. Vem de uma abertura alta e estreita, com dois ferros em cruz, profeticamente inserida entre duas portas, uma de cada lado do patamar, tão diferentes entre si que nunca ocorreu a situação embaraçosa de um convidado bater à porta de serviço. A do lado esquerdo é dupla, sendo a exterior gradeada como o parlatório de um convento, sistema que pelas suas vantagens óbvias me admira não se encontrar mais difundido para manter a distância com fornecedores, vendedores de banha da cobra, pedintes e, está claro, a escória da escória,

assassinos e ladrões. A do lado oposto é obra apurada de um mestre marceneiro e sucessivas camadas de cera ao longo dos anos deram-lhe uma cor negra avermelhada que mais faz ressaltar o efeito majestático da mãozorra de bronze. Esta porta dá acesso a uma salinha minúscula que foi sala de fumo e refúgio dos cavalheiros durante as festas e hoje me serve de escritório, sem prejuízo da sua verdadeira função de galeria de retratos familiares. Daqui passa-se para a sala de visitas que comunica com a casa de jantar, as duas dividindo entre si, em partes iguais, o total comprimento da fachada. As outras divisões abrem-se para estas, delas recebendo o ar e a luz, excepto uma sala ampla nas traseiras, que dá para uma varanda corrida e que, pela sua localização estratégica, ao lado da despensa e da cozinha, foi durante muitos anos o meu lugar preferido para estar.

Gosto da minha casa e do seu ambiente recitado. Não tenho a aversão, hoje muito espalhada, aos compartimentos interiores, pelo contrário, aprecio a intensidade de viver que neles se concentra. Só o lamentei durante a prolongada doença do meu pai, confinado a uma atmosfera saturada de cheiro a remédio e odores senis de decomposição, mas nada seria capaz de o afastar do lugar onde perdurava mais viva a recordação da minha mãe, falecida quinze anos antes, naquela mesma cama, e cujo espólio permanecia intocado. Do outro lado do corredor fica o meu quarto, espécie de armário com duas portas, que pela sua pequenez me deu sempre a impressão de que fora eu que crescera desmedidamente. Cedi-o muitas vezes ao meu irmão, quando ele se zangava com a mulher e vinha repousar algumas horas a meio da

noite, em vez de ir directamente da estúrdia para o colégio. Então acolhia-me ao terceiro quarto, o da velha que entrara moça ao serviço da minha mãe, e improvisava rapidamente uma cama no chão, no canto mais afastado do seu divã de pinho.

Nesse tempo, como já disse, dava aulas de Francês e Inglês no colégio do meu irmão (o prédio ao lado, separado do nosso por um corredor estreito como um fosso), sem horário fixo e por uma retribuição mínima. Em casa cabia-me orientar e executar boa parte do serviço doméstico. No entanto nunca me senti explorada nem alimentei sentimentos reivindicatórios talvez porque, analisados os prós e os contras, tivesse chegado à conclusão de que a situação me convinha perfeitamente. Nos tempos livres lia o que podia, sobretudo romances em francês e inglês que o meu irmão me trazia das suas frequentes viagens ao estrangeiro, mas também não me importava de passar os olhos por esses folhetos de intrigas passionais e tragédias domésticas que já então se vendiam porta a porta e tinham um público fiel em criadas de servir e domésticas de poucas letras. Se acrescentar a isto que tocava sofrivelmente Mozart e Beethoven e fazia colecção de postais ilustrados talvez se compreenda melhor que tivesse chegado aos trinta anos sem sentir vontade de trocar por outras as minhas experiências.

Claro que tive pretendentes, desde anónimos que me seguiam na rua a primos mais ou menos afastados com quem posei muitas vezes para o álbum familiar, com o fundo dos limoeiros do quintal ou no sofá Arte Nova da sala de visitas. Nenhum deles me pareceu, confesso, reunir os atractivos suficientes para me fazer abraçar um

modo de vida que eu sabia — pela observação e pelo instinto — cheio de espinhos. Pelo seu lado, meu pai e meu irmão tudo faziam para me persuadir de que eu não pertencia à espécie das casáveis, sem repararem que o seu interesse na questão lhes tirava à partida toda a credibilidade. De qualquer modo o que era uma convicção com poucas hipóteses de perder-se em acidentes de percurso converteu-se numa certeza inabalável desde que um dia descobri Emily Dickinson através de uma revista inglesa que publicava alguns poemas seus, e ao reconhecê-la gémea de mim (excepto no talento) resolvi fazer dela, sábia e estranha irmã, o espelho da minha vida. Não descansei enquanto o meu irmão não me arranjou uma edição da sua obra completa e a partir daí considere-a o meu livro místico, nascente inesgotável, templo de mistérios onde o que nunca tinha sido dito e o que não podia ser dito se iluminavam para mim, fugazmente, como verdades cristalinas. Emily Dickinson tornou-se assim a companheira fiel dos meus trinta anos, partilhando um lugar que até aí pertencera de direito a outra Emily, a Brontë, descoberta na adolescência e que eu não renegaria jamais. Sob a sua influência tornei-me mais amável, mais descontraída, mais imune às críticas de qualquer quadrante. De certo modo comecei a sentir-me orgulhosa de ser uma solteirona relapsa e confessa, embora houvesse alguma má-fé em cultivar esse sentimento quando a passagem do tempo ainda não imprimira nenhuma das suas detestáveis marcas em mim. Mas onde a transformação se revelou mais imediatamente perceptível foi na maneira de me vestir, que o meu pai e o meu irmão, surpreendidos e satisfeitos, interpretaram erradamente

Teresa Veiga nasceu em Lisboa em 1945. Licenciada em Direito e mais tarde em Literaturas Românicas, exerceu por um breve período de tempo a actividade de conservadora do Registo Civil.

Entre volumes de contos, novelas e romances, é autora dos livros: *Jacobo e Outras Histórias* (1980), *História da Bela Fria* (1992, Prémio Pen Club Português de Ficção e Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco APE), *A Paz Doméstica* (1999), *As Enganadas* (2003), *Uma Aventura Secreta do Marquês de Bradomín* (2008, Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco APE), *Gente Melancolicamente Louca* (Tinta-da-china, 2015, Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco APE) e *O Último Amante* (Tinta-da-china, 2017).



# o último amante

foi composto em caracteres  
Hoefler Text e impresso  
pela Guide, Artes Gráficas,  
sobre papel Coral Book  
de 90 g, em Janeiro  
de 2017.

